

# MOMENTO

# feminino

LAVRADIO, 55, Sala 14 — RIO  
6.ª Feira, 9 de Janeiro de 1948  
CR\$ 1,00 ★ ANO I ★ N.º 25

UM JORNAL PARA O SEU LAR

## A Poderosa Arma Da Mulher Brasileira é a Resistencia

A Constituição Brasileira, que custou a própria vida de muitos filhos de nossa pátria, acaba de sofrer o mais agudo golpe de morte, com a capitulação vergonhosa da Câmara de Deputados ao fascismo vigente, apadrinhado pelo Presidente da República.

Há muitos anos, a história política brasileira não tem páginas de tanta degradação de um lado e tanta bravura patriótica de outro.

O dia 7 de janeiro de 1948, será, sem dúvida, um marco indestrutível do heroísmo de 74 Deputados democratas, lutando ardentemente contra a ferocidade dos hediondos caçadores de mandatos dos parlamentares comunistas.

E' de viver-se nesta hora a angústia dos dias negros de uma ditadura terrorista, que pretendem os reacionários implantar em nossa pátria.

A família brasileira está sobressaltada, principalmente porque, acompanhando o desenrolar dos acontecimentos de verda-

ARCELINA MOCHEL

deiro desrespeito aos preceitos constitucionais, não deve duvidar do que este governo seja capaz de praticar contra o povo.

Criminosos impunes empastelam jornais, os beaguins da rua da Relação distribuem pancadaria nas ruas da cidade, saqueiam o bolso dos pobres operários, deixando-os prostrados ao solo com a marca da perversidade sanguinária.

Integralistas assanhados pela cobertura do governo, fazem motins pelas esquinas, provocando a massa

revoltada pela indignidade da capitulação.

Este o ambiente em que vivemos, com tôdas as garantias roubadas, sob tôdas as ameaças de crimes e mais crimes da ditadura Dutra.

Atentai bem, brasileiras, o perigo por que atravessa nossa pátria.

E ao lado disso, que vemos de proveitoso para o povo? Que medidas de amparo à população brasileira são tomadas? Nenhuma. Pelo contrário, tudo vai de águas abaixo. A carestia de vida aumenta assusta-

doramente, o que nos levará à morte pela fome; a saúde do povo é descuidada; os acidentes diários se elevam, pelo congestionamento de transeuntes pela falta de transportes para o povo. A cidade não tem água agora, ninguém mais

(Conclui na 5ª p.)





Para o Brasil e para o mundo o ano de 48 começou trágica e dolorosamente.

Entre nós a cassação de mandatos populares, um ataque violentíssimo e de consequências trágicas para a nossa Constituição. No mundo todo a luta incessante contra o fascismo. Na Espanha assassinavam mais dois espanhóis da Resistência Augustin Zorua e Lucas Nunes. Disse um telegrama publicado por um de nossos matutinos, que os protestos franceses junto à embaixada de Franco foram violentos. Madeleine Braun, vice-presidente da Assembléia Nacional acompanhada de três delegações levou seu protesto de mulher e de democrata àqueles homens que matam friamente. E um telegrama de Buenos Aires diz que "se reuniram diante da embaixada da Espanha milhares de pessoas para protestar contra a execução de Zorua e Nunes." E o telegrama declara no fim: "a polícia prendeu 363 pessoas inclusive cerca de cem mulheres."

Cem mulheres argentinas foram presas neste começo de 1948.

A luta continua na Grécia. Na Itália reune-se o sexto congresso do partido comunista italiano.

E diante de nossos olhos surge o informe de Tatiana Kochelevz secretária da Federação Democrata Internacional de Mulheres dizendo:

"As mulheres da Iugos-

lavia, que lutam tão heróicamente pela liberdade e independência de seu país, criaram sua própria organização de massa: A Frente Anti-fascista de mulheres iugoslavas, contando presentemente com 3 milhões de membros.

"As polonesas trabalham com uma abnegação sem igual. Elas fazem renascer das cinzas cidades e vilas inteiras, criando centenas de casas para crianças.

"Na Tchecoslováquia, a Frente Nacional de mulheres, agrupando dois milhões de aderentes, toma parte ativa na luta para liquidar as consequências da guerra, para realizar o plano de dois anos que levantará o nível econômico do país.

Na Bulgária, a União das Mulheres búlgaras conta atualmente com 376.000 membros, publicando um jornal de 100.000 exemplares.

Na França as mulheres lutam pela liberdade da pátria, contra a ressurreição fascista. O mesmo acontece na Albânia, Hungria, Rumania, Itália demonstrando que apesar de todas as dificuldades as mulheres lutam pela democracia em seus países.

Mas — diz o relatório — não se pode deixar de falar da abnegação e da luta da organização feminina da Espanha republicana contra Franco. A União das Mulheres Espanholas subordina toda sua atividade à principal tarefa: lu-

tar pela volta à liberdade, à democracia na Espanha.

As mulheres democratas do mundo inteiro devem acompanhar com profunda simpatia a luta heróica do povo espanhol e do povo grego. Elas compreendem perfeitamente que enquanto existir um lar fascista como é a Espanha franquista, enquanto os reacionários puderem perseguir impunemente os democratas, a paz e a democracia mundiais estarão em perigo.

No Japão, segundo as estatísticas feitas pelas autoridades americanas, há 5.600.000 desempregados em sua maioria, mulheres.

Nadjié Hodka, chefe popular e dirigente do movimento democrático feminino da Albânia, começou a lutar aos 16 anos de idade. Durante a ocupação alemã organizou grupos de resistentes e foi eleita delegada do Comité Central da União anti-fascista albanesa para a libertação do Norte da Albânia. Em 1946 foi eleita por unanimidade Presidente do Conselho Geral da União das Mulheres Antifascistas da Albânia. Pela sua luta durante a guerra foi condecorada com a Ordem da Bandeira e a Ordem de Bravura.

Grandes, enormes são as mulheres do mundo de hoje lutando pela democracia e pela paz.

O ano de 1948 será um

ano de luta e, com certeza um ano de vitórias.

Esta crônica estava já composta quando soube-mos da invasão policial à "Tribuna Popular". Não é um fato inédito no Brasil. Todas as vezes que é preciso esmagar os direitos populares, amordaça-se a imprensa, fecham-se jornais. Mas a "Tribuna Popular" é um jornal diferente. E porque ela é um denodado defensor dos direi-

tos do cidadão, e porque ela luta pela vida e pelo bem-estar do povo tem sido a mais perseguida das vítimas da reação brasileira. Várias vezes já foram invadidas suas oficinas, espancados seus operários, processados seus redatores.

A luta em defesa da liberdade de imprensa, da liberdade de vida para os jornais, eis uma bandeira para as mulheres do Brasil.

## Trechos De Teses Apresentadas á Mesa Redonda Promovida Pela Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino

Da Delegada MARIA TORRES, da União Feminina de Botafogo:

**MATERNIDADE** — É a maternidade uma função especificamente feminina, própria da mulher. No período de gestação dos filhos, realmente fica a mulher numa situação de aparente maior inferioridade ainda relativamente ao homem. Perguntamos: Quando o homem atende um trabalho de grande responsabilidade intelectual, pode ele atender normalmente a outros trabalhos, físicos, fisiológicos, musculares? Evidentemente não. Deduz-se por isso que está ele em situação de inferioridade? Não. E porque quando a mulher cumpre o trabalho mais complexo de todos e que a natureza somente a ela confiou, quando ela cria o capital-humano, o principal fator do progresso da humanidade, porque estará ela em situação de inferioridade relativamente ao homem? Não é a ela exatamente ao contrário, em situação de superioridade? Assim os cremos, e conosco estão as formas su-

periores de civilização que certamente virão dentro da lei do eterno progresso a que está condicionado o desenvolvimento da humanidade. E o Estado que não protege adequadamente a maternidade de TODAS as mulheres, é um estado bárbaro, selvagem, próprio da mentalidade do homem que se aproveita do estado de "inferioridade" física e intelectual da mulher grávida para estender e consolidar seu predomínio. E o simples espetáculo de horrível abandono e miséria que nos oferece a mulher trabalhadora, maximamente a camponesa, grávida, no Brasil, é o suficiente para levar aos bancos dos réus os nossos governantes, houvesse aqui verdadeira civilização.

Da delegada ELZA LOUREIRO, do Comité de Mulheres Pró-Democracia:

— Considerando a participação das diversas organizações femininas do Distrito Federal, a esta MESA REDONDA, ELEGER UMA GRANDE COMISSÃO PREPARATÓRIA A UMA CONVENÇÃO OU CONGRESSO FEMININO EM 1948, possibilitando a estruturação de uma grande organização feminina, que congregue todas as associações do Distrito Federal, conciliando a nossas patrícias do Brasil, que promovam, na medida do possível, suas CONVENÇÕES ESTADUAIS, a fim de chegarmos, oportunamente, a um CONGRESSO NACIONAL FEMININO expressando realmente, a vontade das MULHERES DO BRASIL.

# Os Deveres De Um Marido

NICE FIGUEIREDO

Quem lê o nosso Código Civil verifica que ao marido, em geral, se impõe deveres pecuniários e as restrições que a lei faz às atividades de um homem casado são, quase todas, de ordem patrimonial.

É bem verdade que na prática essas restrições se estendem a outras atividades pois, embora a lei teime em afirmar ascendências e atribuir prerrogativas aos maridos na prática já existem homens que se envergonham por exemplo de exercer o direito de autorizar a profissão de sua mulher conforme dispõe o artigo 233 al. IV do Código Civil.

Ora o marido tem de sustentar a mulher e os filhos, alimentá-los e educá-los; tem de administrar os bens do casal. Destes deveres pecuniários decorrem direitos que de são de fundo econômico. Por que o marido deve autorizar a profissão de sua mulher ou pode impedir que ela trabalhe? Porque ele tem o dever de a sustentar e consequentemente cumprir esta obrigação (única justificativa deste direito). Por que é o marido quem fixa o domicílio conjugal? Por que sabe escolhê-lo melhor do que a mulher? Não, por que sabe escolhê-lo melhor do dever de prover a manutenção da família, dando-lhe casa, comida, roupa, educação, etc... Por que ainda é o marido o chefe da sociedade conjugal? Porque ainda tem para com a família mais deveres pecuniários que a mulher.

E as restrições que a lei faz ao marido no exercício das suas funções de chefe da família são todas de ordem

econômica. Assim o homem casado só pode vender, hipotecar ou litigar sobre os imóveis do casal com consentimento da mulher. Também só pode prestar fiança ou fazer uma doação se obtiver a anuência da esposa.

E, deve-se notar, que em relação a essas questões patrimoniais a lei exige o consentimento expresso da mulher e, mais ainda, só permite que este consentimento seja suprido pelo juiz depois de ter sido ouvida a mulher e constatada a razão da sua recusa. Não se procede aqui como no caso da autorização para o casamento de um filho menor onde a lei exige a declaração de vontade da mãe apenas como uma formalidade pois só a leva em consideração se for acorde com a do marido, não cogitando de indagar as razões que por ventura tenha uma mãe que não dá o seu consentimento para um filho ou uma filha menor casar.

Ora, a mulher casada além das restrições feitas à sua personalidade e às suas atividades ainda se impõe também, e mais severas que as do marido, restrições de ordem patrimoniais.

Temos, futuramente, oportunidade de examinar esta matéria e provar, mais uma vez, que a diferença de direitos e deveres que a lei estabelece entre um marido e uma mulher tem sempre, em última análise, uma razão pecuniária, econômica e não aquelas que o legislador e os intérpretes da lei vêm dando.

**MOMENTO Feminino**

**EXPEDIENTE**

Diretora:

ARCELINA MOCHEL

Gerente:

LUIZA REGIS BRAZ

Redação e Administração:

RUA DO LAVRADIO, 55  
Sala 14 — Cx. Postal, 2013  
Rio de Janeiro

Numero Avulso . Cr\$ 1,90  
Atrasado ..... Cr\$ 2,00

# Catumbi -- Morro Onde Há Fome, Doença e Barracos Demolidos -- Morro Onde As Mulheres Sofrem e Lutam

Quando voltamos do Morro do Catumbi, onde a desolação, o terror, a miséria, a doença vive em cada barraco, no corpo e no coração de toda aquela massa perseguida e corajosa, lemos, nos jornais, o "belíssimo" programa, com que o sr. Prefeito acena à população do Distrito Federal as "delícias" de



sua gestão. Fala de habitação e vimos centenas de pessoas ao relento, enxotadas pelos seus propositos. Fala de escolas e vimos milhares de crianças sujas, quase despidas, vagando ao sabor do resto de forças. Fala de amparo à maternidade e à infância e vimos crianças recém-nascidas, com uma conformação estranha, sem forma de gente, morrendo, devagarinho, de inanição. E até achamos cômico aquele programa. Uma espécie de comichidade que vem do nervosismo, da amargura, de horror, de vermos e sentirmos a situação em que se debate aquele povo. Aquele é o Morro do Catumbi. O morro onde a polícia armada de metralhadora comandada por um engenheiro da Prefeitura, na sua fúria de massacrar, desmanchou barracos a esmo, desabrigoando velhos, doentes



e crianças. Há, também, os engenheiros que destroem esquecidos de que estudaram para construir. Destroem, inclusive, a socego, a harmonia, a felicidade da família. Dessa família que é tão utilizada pelos calunhadores sujos da reação. Pobres famílias do Morro do Catumbi!

## Reportagem de ANA MONTENEGRO

### UMA INTERROGAÇÃO QUE ANDA NO AR

E, perguntamos nós, por que, de repente, aquela resolução? A ordem que administra o cemitério São Francisco de Paula é a dona dos terrenos pois ou diretamente, ou através de exploradores, consentiu na construção dos barracos e até prometeu escola, posto médico e outras vantagens. Só que a palavra construção é descabida em relação a quatro paredes, feitas, em sua maioria, de papelão e com um teto de latas enferrujadas. Dizem que, ali, uma Companhia cujo nome é um mistério, quer construir uma pedreira e, por isso, há a desculpa esfarrapada e ridícula de que os barracos estavam construídos sobre as covas dos defuntos. Nunca ouvimos dizer que defunto fosse enterrado fora do cemitério, além de que, segundo consta, o restante do cemitério não ultrapassa a 400 metros, e os barracos estão fora dessa área. Outra coisa: quando enterraram os cadáveres ninguém se lembrou que os estavam enterrando em terreno baldio; quando do levantamento dos barracos, da mesma forma, não houve um caridoso que se lembrasse dos pobres defuntos! Agora, porém, que aparece a história de uma grande e misteriosa Companhia, que deseja construir uma pedreira, a história, do dinheiro, do interesse, da exploração, a ordem, a Prefeitura, os engenheiros e até as metralhadoras advogam a causa dos defuntos. Temos visto as pessoas vivas servirem de instrumento e de pretexto para os desmandos e as arbitrariedades, mas que isso aconteça com os mortos, que nem a eles se respeite, ultrapassa a tudo que a imaginação doente de administradores policiais possa conceber, para oprimir e aumentar a miséria de nossas mulheres e de seus filhos. É mais uma experiência que adquirimos, na luta pelos direitos do povo.

### OUTRA VERSÃO E A HISTÓRIA DO SOLDADO 197

Queríamos abordar, apenas, os casos específicos das mulheres, porem diante da insistência do soldado João de Deus Quinto, n.º 197, da 2.ª Cia da Polícia Militar, vamos incluir seu depoimento. Diz ele que parte daquele terreno pertence à Polícia Militar e que construiu seu barraco com a autorização da mesma. Entretanto, destruíram tudo, foi maltratado e ficou com 7 pessoas da família dormindo ao relento. Se parte do terreno pertence à Polícia Militar, por que intervem a Ordem, através da Prefeitura?

### O PRIMEIRO BARRACO DESTRUÍDO

De primeiro barraco destruído restava um amontoado de barro, uma mulher com o marido e os filhos. É Iracema Ferreira que passou a residir com sua mãe Ma-

ria José Muniz. Como dormem essas criaturas não sabemos explicar. São três gerações amontoadas num quarto, somente com uma cama: a avó, a mãe, com o marido os filhos inclusive duas filhas casadas. A promiscuidade, o sujo, a pobreza, é de estarrecer. O marido de Iracema é um homem de 38 anos, inutilizado pela asma, sem poder trabalhar. As mulheres não podem lavar roupa, na base do morro não existe água.

### ENCONTRO COM NOVAS HISTÓRIAS DOLOROSAS

Hercilia foi subindo o Morro conosco. Passou, então, a contar-nos como o engenheiro anunciou, antes, a demolição em algumas casas: "Vocês têm o prazo de oito dias. Dou um caminhão. Lugar eu não dou" Onde morará o Dr. Vinhais? Certamente, num bem e confortável apartamento, próprio, ou adquirido com luva. Muito bem. Cada um diz o que quer. Entretanto, as autoridades são obrigadas a solu-



cionar os problemas do povo e respondem, mais cedo ou mais tarde, pelas suas palavras. Para onde o caminhão levaria aquela pobre gente?

Cerca de trezentas mulheres, com homens e crianças, em frente à casa de Sebastiana Maria da Conceição, que nos arranjou uma mesa e cadeiras, falaram de suas misérias, contaram suas histórias e mostraram que estão dispostas a enfrentar, unidas e organizadas, a luta pelos seus barracos e pela solução dos problemas mais urgentes do Morro do Catumbi. Quase todas com crianças nos braços, outras agarradas pelas saias. Quase todas são mães, angustiadas pela incerteza e pelo terror. Uma mulher, quase chorando, nos contou que arrancara os dentes farrados de ouro, para vender o ouro e fazer o barraco. Apareceu também, um moço, cujo pai estava sofrendo das faculdades mentais, depois da visita policial da Prefeitura

### A MULHER QUE TEM DEZ FILHOS E MORA NUM CHIQUEIRO DE PORCO

Sim, num chiqueiro de porco! O chiqueiro está lá, para quem quiser vê-lo. A mulher chama-se Geralda Benedita Conceição e tem dez filhos. Dentro do chiqueiro os porcos fazem suas escaramuças por sobre as crianças e, na lama, ainda vemos a marca dos corpos. Isso acontece na Capital da República e no ano de 1948, depois que os nossos irmãos atravessaram os mares, para morrer, heroicamente, por um mundo melhor. As nossas crianças, as crianças do Brasil dormem misturadas com os porcos. Há um Departamento nacional da criança com uma verba de milhares de cruzeiros. Há uma campanha em benefício da criança.

### A VOVO DO MORRO

Tem 78 anos. 78 anos que nos ensinam que a luta pertence a todos, moços e velhos, homens e mulheres. Foi casada com um engenheiro da Paraíba do Norte, Dr. Manoel Teixeira da Silva, que esteve a serviço da Nação, durante o Governo do Marechal Hermes. Hoje, está reduzida a uma vida de miséria absoluta. E ela nos pergunta:

— Por que não querem que a gente entre nos palácios? O que eles têm de medo da gente. Mandam fazer as misérias e não têm coragem de aparecer. Mas, fiquem eles sabendo que eu, uma velha de 78 anos, lutarei até o fim.

O barraco da vovó é feito de pedaços de papelão. Não importa. Ela lutará pelo seu barraco.

### UMA QUE NÃO É AMÉLIA, MAS É MULHER DE VERDADE

Ela mesma apresentou-se assim. Chama-se Maria de Almeida. É ela quem reúne as mulheres, que anuncia os acontecimentos e está disposta, a qualquer preço, a defender seus direitos e os de suas companheiras.

### A ÚLTIMA HISTÓRIA — A MAIS TRISTE DE TODAS

Sebastiana Maria da Conceição tem um filhinho recém-nascido. Nem sabemos se continua vivo, enquanto contamos a sua história, de tal maneira a morte ronda aquela criança. E sabem qual é a causa da morte do filhinho de Sebastiana? Fome, exclusivamente fome. O terror, a ameaça, as metralhadoras apontadas contra as mulheres indefesas e a fúria do Dr. Vinhais em destruir os barracos, chocaram profundamente nossa amiga Sebastiana e seu leite secou. A criança nasceu antes de decorridos os nove meses de gravidez e precisa de amamentação. Mais parece um velho do que uma criança. É penosa a situação. Os poderosos, os donos das Companhias, os administradores da ordem, o engenheiro da Prefeitura, o governo, enfim, todos devem estar satisfeitos: para matar gente não precisaram de utilizar me-

tralhadoras. Matar de fome é muito mais comodo e menos barulhento.

### A VEREADORA ARCELINA MOCHEL VISITA O MORRO DO CATUMBI

Visitamos o morro juntamente com a nossa diretora, vereadora Arcelina Mochel. Lá ela pôde verificar a situação do morro, sentindo, de perto, as necessidades das mulheres, visitando-as de casa, em casa.

As mulheres de Catumbi



abriram os orcos à sua representante. Representação que os cassadores de mandatos arrancaram, para matar mais crianças de fome e desmanchar mais barracos. Mas no meio daquela massa, ninguém conseguirá arrancar o mandato de Arcelina, que foi sentir de perto seus problemas. Nós vimos a confiança que as mulheres depositam em Arcelina que já lhes foi levar a notícia do sustamento das demolições. Confiança que ninguém, também, poderá cegar, mesmo empregando violência.

### O PROBLEMA PRINCIPAL, OS PROBLEMAS PARALELOS E A SOLUÇÃO QUE OS MORADORES DESEJAM

Sustadas a demolição, que é o principal, pois todos desejam continuar morando ali, mesmo porque não há para onde ir, há a fome e a doença. A doença está no corpo de todo o mundo. Em todas as casas há gente doente e o povo está se movimentando para organizar um Posto Médico, mesmo com remédios de amostra. Para isso nossa amiga Maria Candida da Silva, ofereceu sua casa e como é enfermeira poderá ajudar muitíssimo. Os moradores do Morro do Catumbi, unem-se para resolver seus problemas, já que os administradores estão muito ocupados, demolindo barracos, e cassando mandatos daqueles que se propõem honesta e decididamente resolver os problemas de nosso



# A FADA AMOROSA

EMILE ZOLA



perguntando às irmãs brilhantes a razão de sua agitação! Depois dessas noites sem sono e desses acessos de amor, tinha impeto de se lançar ao pescoço do velho cavaleiro, mas uma palavra rude, ou um olhar frio a detinham, e, trêmula, retomava o trabalho. Lamentas a pobre jovem, Ninon — era como a flor fresca e embalsamada que se desdenha o brilho e o perfume.

Um dia, Odete, a desolada, seguiu com o olhar em sonho, duas róis que fugiam, quando ouviu uma voz doce do lado do Castelo. Inclinou-se, viu um belo jovem que com a canção de seus lábios reclamava hospitalidade. Ouviu e não compreendeu as palavras, mas a voz doce oprimia seu coração e lágrimas corriam lentamente ao longo de suas faces, molhando um ramo de mangerona que trazia na mão.

O Castelo permaneceu fechado e um homem em armas gritou entre os muros:

— Retirai-vos; nesta casa só existem guerreiros

Odete olha sempre. Deixou escapar o ramo de mangerona, úmido de lágrimas, que caiu aos pés do jovem. Este, levantando os olhos, vendo uma cabeça loira, beijou as flores e se afastou, olhando a cada passo.

Quando ele desapareceu, Odete se ajoelhou e fez uma longa prece.

Agradecia ao céu sem saber porque; sentia-se feliz, ignorando o motivo de sua felicidade.

A noite, teve um lindo sonho. Viu o ramo de mangerona que tinha jogado. Lentamente, do seio das folhas estremecidas, ergue-se uma fada, mas uma fada minúscula, com asas de chama, corça de miotis e um longo vestido verde, cor da esperança.

— Odete, disse ela harmoniosamente, eu sou a fada Amorosa. Envia-te esta manhã Lois o homem jovem de voz doce. Foi eu que vendo tuas lágrimas, as quis secar. Vou pela terra rebuscada de corações e aproximo aqueles que suspiram. Visito a choupana e o solar — muitas vezes me agrada unir o cajado do pastor ao cetro dos reis. Semeio flores sob os passos de meus protegidos, e prendo-os com fios tão brilhantes e tão preciosos que seus corações palpitam de alegria. Habito as hervas dos caminhos, a lenha o leite dos esposos; em toda em chamas do lar no inverno, parte, a minha presença marca o nascimento dos beijos e o acanhado dos serões enternecidos. Não chores mais, Odete; sou Amorosa, a boa fada e venho secar tuas lágrimas.

E voltou a sua flor que se transformou em botão inclinando-se entre as folhas.

Sabes bem, Ninon, que a fada Amorosa existe. Ela dança em nosso lar! Lamentemos os pobres que não acreditam em minha bela fada.

Quando Odete despertou, um raio de sol clareava seu quarto, um canto de passarinho vinha de fora e o vento da manhã acariciava suas tranças loiras, perfumadas do primeiro beijo das flores. Levantou-se feliz, passou a jornada a cantar, esperando a promessa da boa fada. Olhava por instantes o campo, sorria a cada passarinho que passava, sentindo em si os elans que a faziam estremecer

e ferir suas pequenas mãos uma contra a outra.

Veio a tarde e Odete desceu para a grande sala do castelo. Perto do Conde Enguerrand estava um cavaleiro que ouvia as narrativas do velho. Tomou sua roca de fiar, sentou-se diante da lareira ao som da lenha crepitante e o fuso de marfim movimentou-se rapidamente entre seus dedos.

Em meio de seu trabalho, olhando para o cavaleiro, viu o ramo de mangerona em sua mão e reconheceu Lois, da voz doce. Um grito de alegria lhe escapou dos lábios. Para esconder o seu rubor, inclinou-se para as cinzas remexendo as brasas com um longo ferro. O braseiro crepitou, as chamas se assustaram, os ramos espalham faíscas e então, entre as centelhas, surgiu Amorosa sorridente e desvelada. Sacudiu de seu vestido verde as lágrimas de brasas que corriam sobre a seda como palhetas de ouro. Atravessou a sala, invisível para o Conde e se colocou na retaguarda dos dois jovens. Enquanto o velho cavaleiro narrava um combate terrível contra os infelizes, disse docemente:

— Amai-vos, meus jovens. Deixai as recordações para a austera velhice. Deixai as longas histórias contadas ao lado da lenha ardente. Que a vivacidade da chama apenas se misture o barulho dos beijos. Mais tarde, virá um tempo em que as tristezas terão como consolo a recordação dessas horas idílicas. Quando se ama aos dezessis anos, a palavra é inútil; um só olhar fala mais que um grande discurso. Amai-vos, meus jovens; deixai falar a velhice.

Em seguida cobriu-os com suas asas e o conde que explicava como o gigante Buchtesta-de-ferro foi morto por um terrível golpe de Giralda, a pesada espada, não viu Lois depositar o seu primeiro beijo na frente de Odete apalxonada.

E' preciso, Ninon, que eu te fale nessas belas asas da minha fada Amorosa. Eram transparentes como as asas de um mosquito, rentes como o vidro e pequenas. Mas, quando dois amantes corriam o perigo de serem vistos, cresciam, cresciam e tornavam-se tão obscuras, tão espessas, que detinham os olhares e abafavam o ruído dos beijos. O velho alongava sua prodigiosa narrativa e Lois acariciava Odete, a loura, nas barbas do impiedoso suzerano.

Meu Deus! meu Deus! como encontram muitas vezes a fada Amorosa. Elas próprias têm me eram lindas as asas! As moças revelado. E conseguem se esconder, se ocultar. E' verdade, Ninon?

Quando o conde terminou sua longa história, a fada Amorosa desapareceu entre as chamas e Lois partiu agradecendo a hospitalidade e enviando um último beijo a Odete. A jovem dormiu tão feliz que sonhou com montanhas de flores iluminadas por milhares de astros mil vezes mais brilhantes do que o sol.

No dia seguinte, Odete desceu ao jardim procurando os caramanchais sombrios. Encontrou um guerreiro que a saudou e se afastando percebeu em suas mãos o ramo de mangerona

banhado de lágrimas. Reconheceu então Lois, da voz doce, que penetrava no castelo sob um novo disfarce. Ele a fez sentar num banco de relva ao lado de uma fonte. Olhavam-se maravilhados por esse encontro à luz do dia. As tontinegras cantavam sentia-se no ar a presença da fada generosa foram pronunciadas diante dos Não direi todas as palavras que velhos carvalhos discretos, era um prazer assistir aos amores conversarem tão longamente que uma tontinegra numa moita vizinha teve tempo de construir seu ninho.

De repente os passos graves do Conde se fizeram ouvir na alameda. Os pobres amadores estremeeceram. Mas a água da fonte cantou mais sonora e Amorosa saiu radiante e desvelada, de um jacto cristalino da nascente. Envolveu os amantes em suas asas, deslizou ligeiramente com eles, passando ao lado do castelo que se surpreendeu por ter ouvido vozes sem encontrar ninguém.

A fada embala seus protegidos, sempre, repetindo em voz baixa:

— Sou aquela que protege os amadores, aquela que fecha os olhos e os ouvidos dos que não amam mais. Nada tendes a temer, belos amadores: amai-vos sob o céu brilhante do dia, nas alamedas, ao lado das fontes, em toda parte. Estarei presente, estarei velando. Deus me põs no mundo para que esses homens que zombam da santidade do amor não perturbem as emoções puras. Deu-me as asas miraculosas dizendo: "vá, e que os jovens corações se rejubilem". Amai-vos, estou presente, estou velando.

Circulava o rosirral saqueando as lindas rosas, seus alimentos, envolvendo sempre numa ronda radiante, Odete e Lois com as mãos entrelaçadas.

Espero que perguntes. O que foi feito dos dois amantes? Ver-

dadeiramente, minha amiga, não ousou. Tenho receio... a descrença ou mesmo o ciúme de uma sorte tão afortunada. E mais ainda a recusa dos beijos tão deliciosamente prodigados. Mas, enfim, minha ruaninha, serei compreensivo satisfazendo tão aguda curiosidade. Preciso contentar-te...

Ora, a fada celestial rodou assim o dia todo. Com o começo da noite quis separar os amantes, mas quando percebeu que estavam profundamente tristes pôs-se a falar sozinho. Parecia contar alguma coisa de emocional porque suas expressões irradiavam e seus olhos cresciam de ventura. E quando terminou, sentindo a ansiedade de ambos, tocou com a sua vara a fronte desoberta dos amantes.

Então... O Ninon, que olhos imensos de admiração! Impossível não terminar esta história!

Então Lois e Odete foram transformados em ramos de mangerona, mas flores tão belas que só o milagre de uma fada igual. Foram coloradas lado a lado, tão perto que as folhas se entrelaçavam. Tão maravilhosas que deveriam permanecer eternamente desalbrochadas, trocando o seu perfume e o seu orvalho.

O conde Enguerrand colheu-se, dizem, contando cada tarde como o gigante Buchtesta-de-ferro foi morto por um terrível golpe de Giralda, a pesada espada.

E agora, Ninon, quando formos ao campo, procuraremos as mangeronas encantadas para perguntar em que flor se encontra a fada Amorosa. Quem sabe, minha amada, uma moral se contém nessa história... História contada com os pés no calor da lareira para esquecer a chuva de dezembro que bate nas vidraças... Espirando um pouco mais de amor para o jovem contad...



## CHAMADO DE AMOR JACINTA PASSOS

Tanta laranja madura  
ai tanta!  
que cheiro vem do quintal!

A maré já deu passagem  
cresce meu canavial.

Minha vara de condão,  
cavalheiro, teu punhal!

Jasmin da noite floriu!

Jasmin!

Acabou-se o bem e o mal!

Já tirei os meus sapatos,  
vesti meu manto real!

Tanta laranja madura  
ai tanta!

rosa rosa rosenal!

## A PODEROSA ARMADA DA MULHER BRASILEIRA É A RESISTÊNCIA

(Conclusão da 1ª página) pode adoecer e chamar o Pronto Socorro, porque terá de pagar a taxa de assistência, se não quiser morrer à míngua.

É uma calamidade a situação a que o governo arrastou o nosso povo. E para justificar esses fatos, o general Dutra só viu uma saída: tirar os comunistas do Parlamento, para ficar com a porta aberta para outras tentativas. As mulheres de todos os Estados, cidades e vilas, que deram seus votos a esses traidores do povo, sentem-se hoje envergonhadas de ter votado em tantos capitulacionistas, verdadeiros espíritos de carneiros, que se acapacham ante as imposições imperialistas, sacrificando nossa pátria, que necessita de progresso e de democracia.

Ressalta, pois, de todos estes últimos acontecimentos, que a mulher brasileira aprendeu a fazer política, a analisar fatos, a criticar o governo e não se conformar com arbitrariedade democrática temos tó-dader e injustiças.

És porque nesta hora de das de estreitar nossa união para a luta por um regime livre, onde não sejamos esmagadas pelas botas brutais da reação, que procura levar o povo brasileiro ao servilismo ame-

ricano, à fome, às torturas, à miséria enfim.

Lembremo-nos dos sofrimentos maiores que nos ameaçam, da ruína em nossos lares, as doenças dizimando nossas crianças, e lutemos por uma vida digna e livre dentro de uma forma de governo, capaz de dirigir com o povo.

Grandes heroínas brilharam na história do Brasil. Seus movimentos isolados em vários setores, deixaram uma tradição de luta feminina em nossa pátria. Hoje, chama-nos o imperativo de respeito à Constituição e, empunhando essa poderosa arma, defendamos nosso Brasil da tirania, resistindo ao fascismo, forçando a aplicação dos preceitos constitucionais em vigor, para que possa renascer a democracia no mais curto prazo.

Que este apelo seja ouvido e executado por todas as mulheres. Que este brado de alerta seja sentido no fundo de todos os corações, pois de nós a pátria tudo espera e devemos cumprir o juramento de ser os mais fiéis filhos do Brasil.

7 de Janeiro é um dia de glória para os democratas, que resistiram ao grupo fascista, cuja inferioridade de reptil se casa ao servilismo e a capitulação de quem se dizia representante do povo.

Como mulher parlamentar e como brasileira democrata, que jamais traiu ao povo de minha pátria, sempre fiel ao cumprimento do meu mandato, continuo a ter minha voz sempre alta contra todos os inimigos do povo, desmascarando-os e provando a sua traição.

Não importa a derrota numérica. Todos nós, comunistas, continuamos a ser os legítimos representantes do povo, não num Parlamento desmoralizado de capituladores, mas na Câmara Popular livre e honesta, que só um povo livre e independente saberá construir.

ANUNCIE EM  
"MOMENTO  
FEMININO"

### CLÍNICA DE SENHORAS E CRIANÇAS

Pediatra — Dra. IRENE CID SCHENBERG

2as, 4as, e 6as-feiras — Das 15 às 18 horas

AV. 13 DE MAIO — N.º 23 — 18.º andar

Ginecologista — DR. VASCONCELOS CID

3as. — 5as. e Sábados — Das 16 às 18 horas

EDIFÍCIO DARKE — Sala 1.825 — 32-7769

# Na Fábrica De Tecidos Carioca

Mais de 1.000 mulheres trabalham na Carioca. — As menores fazem trabalhos muito pesados. — Salários que não dão para matar a fome. — Condições higiênicas baixas. — Um restaurante e moradia perto da fábrica: reivindicação geral.

Chegamos aos portões da grande fábrica e imediatamente uma roda de mulheres e de menores se formou à nossa volta, pois dos dois mil e tantos operários que lá trabalham, 56% é composto de mulheres e de menores.

Anesia Teixeira, Maria das Dóres, Helena Sousa, Cremilda Ferreira, Maria da Conceição e outras, foram logo falando dos seus principais problemas, sem o menor constrangimento.

— "Eu ganho 250 por hora, disse-nos uma delas, e trabalho 8 horas por dia. As vezes faço serão e ganho mais 007 por hora. Domingos e feriados nada recebemos. Imagine no fim do mês a ninharia de dinheiro com que ficamos.

Um grupo de menores muito decididas, fala-nos ao mesmo tempo:

"Muito pior é a nossa situação. Passamos o dia inteiro empurrando carrinhos e tirando esqual, trabalho tão pesado que devia ser feito só por homens e ganhamos 1,30 por hora. Isto é dinheiro?"

Perguntamos se tinham recebido Abono de Natal. Acharam até graça. "Sim, recebemos uma gratificação... Eu recebi Cr\$ 70,00. Eu, Cr\$ 58,00 grita outra, eu Cr\$ 10,00, eu Cr\$ 20,00, etc. etc."

"Quantas companheiras estão tuberculosas e por conta do Instituto, fala uma senhora idosa. E não é para menos. Nosso dinheiro mal dá para comer. As janelas ficam fechadas o dia inteiro e o pó do tecido vai entrando pelos nossos pulmões. As roupinhas são antigas e por isso, nosso trabalho é redobrado. Chuveiro aqui não tem. A água que bebemos é cheia de lodo. Temos médico na fábrica, mas nada adianta se não dão os remédios. Existem 2 privadas para cada 200 pessoas. A senhora acha que isso tudo não dá para liquidar com a gente?"

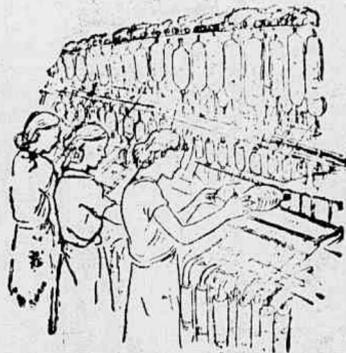
O sol estava quente e a roda

aumentava cada vez mais. Eram as mulheres que tinham ido comer qualquer coisa ali, por peito e vinham voltando para o serviço. Foram logo dizendo:

— "Se nós tivéssemos aqui um restaurante do SAPS seria ótimo, pois numa fábrica tão grande, como a nossa, com patrões tão ricos, é uma obrigação ter um restaurante. Como podemos produzir muito se voltamos tão cansadas para o trabalho?"

"E eu que moro em Medureira trabalhando aqui na Carioca? A condução é um martírio. A vida de quem trabalha sem conforto, é um inferno. Está vendo esses terrenos todos por aí? Pois são todos da Cia. America Fabril. Eles deviam construir casas populares aqui perto para a gente morar. Mas não. Os trabalhadores para eles não valem nada."

— Veja meu vestídeo rasgado. Nem a fazenda que temos podemos tirar aqui mais barato. No Cottonificio Gávea e na Fábrica Cruzeiro isto não acon-



trão para reivindicar aquilo que mais necessitam. Todas tem esta vontade, porém nos informaram que atualmente os patrões já não recebem mais as comissões de empregados. Não quer saber dos seus problemas.

Diante disso, ficaram de estudar a melhor forma de encaminhar suas reivindicações. De qualquer forma, estão firmes e decididas em não continuar mais na situação de miséria em que se encontram.

## EXCENTRICIDADE

O grande maestro Leopoldo Stokowski acaba de descobrir o seu extraordinário talento de pintor, mas em circunstâncias estranhas. Abandonando a direção da Orquestra de S. Francisco, levou quase um ano a pintar o retrato de sua ex-esposa, Glória Vanderbilt. A figura, porém, foi apresentada num sobre um plano — o que provocou grande escândalo público. O maestro, insensível aos comentários que lhe fizeram, disse que pretendia, dessa maneira afirmar o triunfo incontestável da Mulher sobre a Arte.



tece, pois os trabalhadores retiram a fazenda a preços reduzidos.

Os assuntos sucediam-se, e a medida que conversávamos mais problemas surgiam.

De todos esses problemas levantados, grande necessidade se evidenciou das trabalhadoras unirem-se e irem ao pa-

## O Casamento Está Difícil Nos Estados Unidos

Segundo informa a Repartição de Recenseamento dos Estados Unidos, os jovens em idade casadora ainda não aparecem em número suficiente no território americano. O número de homens entre os 20 e os 44 anos que se pretendem casar era em 1944 de dois milhões e quinhentos mil. Isto é, meio homem para cada rapariga nas mesmas condições. Esse número subiu o ano passado, após a guerra, para tres milhões e oitocentos mil, mas ainda não há um homem casador para cada candidata a esposa. Em 1940, 72,6 por cento das mulheres americanas dos 20 aos 44 anos estavam casadas; esse número veio a baixar a tal ponto que hoje não atinge mais de 52 por cento.

Pelo contrario, a Argentina tem homens, a mais que mulheres e terras vastas desmoevoadas. Um enviado extraordinário do Governo de Buenos Aires junto da Santa Sé trata de organizar, sob a égide pontifical e com o acôrdo dos Estados Unidos, uma corrente imigratória de quatro milhões de europeus, principalmente mulheres, para aquele país. Procuram-se de preferencia, populações católicas: Italianos, naturais dos países bálticos, espanhóis, polacos e outros.

Dentro de vinte anos a Argentina poderá ver bem povoados os seus grandes e ricos campos fronteiriços, que têm agora apenas 14 milhões de habitantes.

## FRANCO SEMPRE ASSASSINANDO

MADRID, 8 (Reuters) — Quatro mulheres e quatorze homens, acusados de reconstituírem o comité executivo do Partido Socialista Espanhol serão julgados por uma corte marcial, em Ocaña, na provincia de Toledo, sexta-feira, Eduardo Villegas, Leopoldo feira próxima.

Os principais acusados são: Majorada, Vicente Herche, Virgilio Martinez, Manoel Palomares e Antonio de Pedro Aylagas. O promotor pedirá 30 anos de prisão para Villagas e Majorada e 20 anos para os demais citados.

Embora se trate de um caso puramente político, não envolvendo violência nem terrorismo, o julgamento se fará por tribunal militar.

## As Mulheres Mais Bem Vestidas De 1947

O Instituto de Costura de Nova York, que promove anualmente a votação nacional de mais de um milhão de desenhistas de modelos, editores de modas e outras autoridades, para escolher as "Dez mulheres mais bem vestidas do ano" anunciou a sua eleição de 1947. Foram eleitas: a Duquesa de Windsor, ex-sra. Wallis Simpson; a sra. Harrison Williams (Mona Williams) e sra. William Rhimelander Stewart, ex-Janet Newbold, de Washington. As outras sete vencedoras foram: Sra. William Paley; sra. Byron Foy; sra. John C. Wilson; sra. Millicent Rogers; sra. Howard Hawks; sra. Geoffrey Gates; e sra. William Wallace, de São Francisco. Foram concurrentes, votadas apreciavelmente para um lugar na dezena de elegancia, a sra. Chiang Kai-Shek e Leonard Corbett, esta ultima atriz inglesa.

# A TRAGEDIA DESTA HORA BRASILEIRA

**Enquanto Há Fome e Miséria Cometem-se Os Maiores Atentados à Democracia. Cassados Os Mandatos Dos Eleitos Do Povo. 54 Deputados e 18 Vereadores Vitimas Da Reação e Do Imperialismo. Invadidas As Oficinas Da Tribuna Popular. Defendamos o Brasil, Defendendo a Democracia.**



Crescem os desmandos da reação. Ante a miséria do povo brasileiro, incapaz de resolver os problemas mais urgentes das populações, o governo rasga a Constituição, ofende os direitos dos cidadãos e fere fundo os menores princípios democráticos.

O atentado brutal de que foi vítima a oficina de "Tribuna Popular", constitui uma arbitrariedade tão monstruosa que é impossível, a qualquer pessoa decente ficar indiferente ou assistir impassível à cena que ontem se apresentou aos olhos da população carioca.

Metralhadoras foram arremessadas do morro de Santo Antônio visando as oficinas da rua do Lavradio. Carros fortes corriam o quarteirão, e às 4,30 iniciou-se o



tiroteio com gases lacrimogêntes e balas de mauser e de fusil.

Repetia-se no D. Federal a cena de São Paulo com o jornal "Hoje".

Como sempre as notas oficiais distribuídas aos jornais são de cordeiros que vão docemente "executar medidas" e, recebidos à bala, respondem do mesmo jeito. Velha balela. Velha demais para ser crida. Nunca, em nenhuma situação, a polícia dirige-se a um órgão ou associação, ou reunião popular, sem levar na mão, engatilhado o revólver. Jornais reacionários como o "Diário da Noite" estampam falsas notícias com fotografias que lhes desmentem o conteúdo.

Desde quarta-feira, vive o povo brasileiro seus momentos mais dramáticos: A lei de cassação foi aprovada. Várias foram as vozes democratas que se levantaram em defesa da Constituição. Mas muito maiores foram as vozes reacionárias e vendidas, das que não tendo amor nem à Pátria nem ao povo, agitam-se como bonecos de molas nas mãos dos senhores do dinheiro e dos senhores do poder.

João Mangabeira, socialista, esgotara já o assunto. De há muito o velho mestre de Direito demonstrava que cassar mandatos significa liquidar com a Constituição.

E o que ontem aconteceu foi, descida da escuna, noite da reação sobre o Brasil.

Não esqueçamos isso: Estamos à beira do precipício. Aquelas mãos bajulentas e pegajosas que ontem votaram a favor da cassação estão dispostos a liquidar com o Brasil, a vendê-lo a imperialistas, a negociá-lo em troca de dólares ou de posições.

Nós mulheres, somos partículas do povo. Cabe-nos esta hora, evitar a queda no precipício. Evitar como? — organizando-nos, unindo-nos, exigindo do governo respeito aos nossos direitos, impedindo que voltem aos nossos lares a desgraça, a dor e o luto. Queremos a paz, a garantia. Não deixemos que nos esmaguem.

## Deputados Do Povo Em Todo o Brasil

São estes os deputados que eleitos pelo povo brasileiro tiveram seus mandatos cassados:

Pernambuco — Agostinho de Oliveira, líder sindical; Alcedo Coutinho, médico; Gregório Bezerra, ex-militar e que dirigiu o movimento de 1935 naquele Estado, tendo passado quase dez anos na prisão.

São Paulo — Jorge Amado, escritor; Gervásio de Azevedo, ex-sargento da Força Expedicionária Brasileira; José Maria Crispim, operário, tecelão; e Osvaldo Pacheco da Silva, portuário de Santos.

Estado do Rio — Operário Claudino José da Silva, que era o único deputado negro na atual legislatura, e o major do Exército, Henrique Cordeiro Oest, que fez parte da Força Expedicionária Brasileira.

Bahia — O engenheiro Carlos Marighela, anistiado em 1945, após cumprir quase oito anos de prisão.

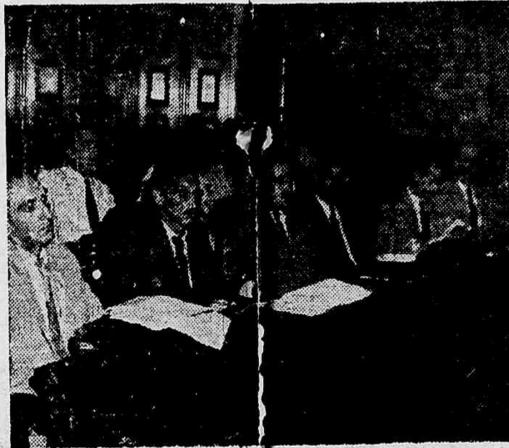
Rio Grande do Sul — O operário Abílio Fernandes.

Distrito Federal — Luiz Carlos Prestes, e três deputados, Francisco Gomes, João Amazonas de Sousa Pedrosa e Maurício Grabois.

Tiveram ainda cassados seus mandatos 54 deputados estaduais e dezito vereadores, todos eleitos sob a legenda do Partido Comunista do Brasil.

## Os Que Votaram a Favor Da Cassação

Foram estes os homens que, esquecidos dos seus mon-



A gloriosa bancada popular, tão firme nos seus sentimentos, tão patriota e tão sãza do povo

datos, esquecidos de que editores nêles confiaram para levar o Brasil à Democracia, enxadafuraram-se no lama.

Responderam SIM, isto é, aprovando o projeto e, portanto, a cassação, os seguintes deputados: Carvalho Leal, Leopoldo Peres, Manuel Arnução, Mourão Vieira, Pereira da Silva, Vivaldo Lima, Agostinho Monteiro, Carlos Nogueira, Duarte de Oliveira, João Botelho, Lameira Bitencourt, Rocha Ribas, Virgílio Santa Rosa, Afonso Matos, Alarico Pacheco, Elizete de Carvalho, Freitas Diniz, Luís Carvalho, Odilon Soares, Aréia Leão; Renault



Deputado Crepory Franco um dos batalhadores contra a cassação

Leite, Teodoro Sobral, Alves Linhares, Edgard Arruda, Frota Gentil, Francisco Monte, João Adeodato, João Leal, José Borba, Leão Sampaio, Osvaldo Studart, Raul Barbosa, Dioclécio Duarte, José Arnaud, Mota Neto, Valfredo Gurgel, Argemiro Figueiredo, Janduí Carneiro, João Ursulo, José Joffily, Alde Sampaio, Arruda Câmara, Costa Pôrto, João Cleofas, Sousa Leão, Afonso Carvalho, José Maria, Lauro Montenegro, Luís Silveira, Diniz Gonçalves, Graccho Cardoso, Aluísio de Castro, Aristides Milton, Cordeiro de Miranda, Eunápio de Queirós, Fróis da Mota, José Jatobá, Juraci Magalhães, Manuel Novais, Negreiros Fação, Pacheco de Oliveira, Rafael Cincurá, Regis Pacheco, Rui Santos, Teóduo de Albuquerque, Vieira de Melo, Alvaro Castelo, Carlos Medeiros, Eurico Sales, Luís Cláudio, Barreto Pinto, Benjamim Farah, Jonas Correia, José Romero, Jurandir Pires, Acúrcio Tôrres, Bastos Tavares, Carlos Pinto, Eduardo Duvivier, Heitor Collet, Miguel Couto, Paulo Fernandes, Artur Bernardes, Augusto Viegas, Benedito Valadares, Bias Fortes, Carlos Luz, Celso Machado, Duque de Mesquita, Eivaldo Lodi, Faria Lobato, Felipe Balbi, Gustavo Capanema, Israel Pinheiro, Jaci Figueiredo, Joaquim Libânio, João Henrique, José Alkmin, Juscelino Kubitschek, Leopoldo Maciel, Leri Santos, Mário Brant, Milton Prates, Orlino Fonseca, Pedro Dutra, Rodrigues Pereira, Wellington Brandão, Ataliba Nogueira, Costa Neto, Emilio Carlos, Gafredo Teles, Honório Monteiro, Horácio Lafer, Hugo Borghi, José Armando, João Abdala, Machado Coelho, Romão Lourenço, Sampaio Vidal, Caiado de Godói, Galeno Paranhos, Guilherme Xavier, Jales Machado, João de Abreu, Vasco dos Reis, Agrícola de Barros, Argemiro Fialho, Martiniano Araújo, Pereira Mendes, Ponce de Arruda, Vandoni de Barros, Acir Guimarães, Aramis Ataíde, Fernando Flores, João Aguiar, Lauro Lopes, Munhoz de Melo, Aristides Lagura, Hans Jordan, Joaquim Ramos, Orlando Brasil, Otacilio Costa, Roberto Grossbacher, Rogério Viçosa, Tomás Fontes, Antero Leivas, Artur Fischer, Batista Luzardo, Bayard Lima, Damaso Rocha, Daniel Faraco, Darci Gross, Flôres da Cunha, Freitas e Castro, Glicério Alves, Herófilo Azambuja, Manuel Duarte, Mércio Teixeira, Osório Tuiuti, Osvaldo Vergara, Pedro Vergara, Sousa Costa, Teodomiro Fonseca, Castelo Branco, Hugo Carneiro, Coaraci Nunes e Aluísio Ferreira.

## Estes Os Que Lutaram Pelo Democracia

Responderam NÃO negando aprovação ao projeto de cassação, os srs. Cosme Ferreira, Antenor Bagé, Crepory Franco, Lino Machado, Antônio Correia, Coelho Rodrigues, José Cândido, Beni de Carvalho, Café Filho, José Augusto, Ernani Satiro, Plínio Lemos, Osmar de Aquino, Agomemnon Magalhães, Agostinho Oliveira, Alcedo Coutinho, Barbosa Lima, Gregório Bezerra, Osvaldo Lima, Amado Fontes, Luís Garcia, João Mangabeira, Luís Lago, Nelson Carneiro, Ari Viana, Asdrúbal Soares, Vieira de Rezende, Baeta Neves, Benício Fontenele, Francisco Gomes, Gurgel do Amaral, Hermes Lima, Maurício Grabois, Segadas Viana, Vargas Neto, Abelardo Mata, Amaral Peixoto, Brígido Tinoco, Claudino Silva, Getúlio Moura, Henrique Oest, José Leomil, Paulo Fernandes, Prado Kelly, Romão Júnior, Soares Filho, Afonso Arinas, Alfredo Sá, Ezequiel Mendes, Gabriel Passos, José Esteves, Lahir Tostes, Lopes Cansado, Monteiro de Castro, Vasconcelos Costa, Altino Arantes, Aureliano Leite, Berto Condé, Batista



Pereira, César Costa, Antônio Feliciano, Campos Vergal, Franklin de Almeida, Gervásio Azevedo, Guaraci Silveira, José Crispim, Morais Andrade, Osvaldo Pacheco, Pedro Pomar, Plínio Cavalcanti, Romeu Fiori, Toledo Piza, Domingos Velasco, Dolor de Andrade, Munhoz da Rocha e Abílio Fernandes.

## A Sanção

Muitas leis têm sido sancionadas em expedientes demorados, aguardando dias e mais dias. O Presidente não terá nunca pressa em fazer o povo ter direitos. Mas na hora em que foi preciso liquidar com os direitos desse povo, o sr. General Dutra assinou, à meia noite, a sanção. Num saial amarelo do Catete. O amarelo devia ser verde...

Nunca o General ficou acordado para dar comida, transporte, habitação. Mas não dormiu na noite de 7 de janeiro. Rasgando a Constituição ele se sentia feliz.



# ★ TEATRO ★

## SHAKESPEARE NO TEATRO DO ESTUDANTE



### A FESTA DAS GARÇAS

**UM DIA ALEGRE - MUITO SOL, MUITA CONFIANÇA, MUITA ALEGRIA**

Encerrando as festas do cinquentenário de Prestes, o MAIP realizou domingo



O radio, hoje em dia, desempenha uma função indispensável. Poucas são as estações que nos oferecem bons programas que educam e distraem ao mesmo tempo.

O povo gosta de novelas, não há dúvida, então porque não fazer novelas com menos dramas e mais educação? Não estamos mais na época do príncipe encantado. Vamos ver, por exemplo, duas novelas da Radio Nacional, considerada a melhor estação do Rio. A primeira é "Crime por Amor" e a outra "Uma Vida". Ambas se parecem... Ambas são horríveis. A primeira é o caso de um pobre coitado que sofre o diabo por um crime que não cometeu. Ele é "Eonzinho", perfeito, e a "Mocinha" também. O vilão, é um monstro, cínico, assassino, ladrão... etc... Na outra novela acontece a mesma coisa. O "Mocinho" é perfeito e o vilão... cá entre nós, não convence. Conhecemos muitos vilões na vida comum "Piores do que ele", como muitos... caçadores por aí. Mas o que se pode tirar dessas duas novelas? Não se trata de descrever a vida moderna, porque isso foge à realidade. Não educam, não divertem, não distraem.

Como a nossa crônica inicial, paremos por aqui... Todas as semanas, neste cantinho, comentaremos alguns programas e alguns... artistas. Até a próxima sexta-feira. Mas acontece, que isso... não tramos em muitos barracos sem água e sem acomodações, nhar um papel recreativo e educativo como nenhum outro. O espetáculo opera sempre o savel à vida de todos. Encon-

passado, dia 4, uma festa bonita e movimentada. Mais de três mil pessoas brincaram, dançaram, riram e comeram churrasco. As barraquinhas de bebidas, de cachorro quente, de livros, de cédulas, de doces, punham notas de cores vivas sob o céu azul, o sol brilhante, o dia claro. Os trens da Central desciam da Estação Pedro I abarrotados de pessoas que iam passar o domingo na Granja das Garças. Canções populares enchiam o ar e o nome de Prestes ressoava brilhante por entre vivas e aclamações. Nunca assistimos uma festa tão nitidamente popular e tão alegre.

A eleição para o título de Senhorita Imprensa Popular foi renhida. Carmen Lucia foi eleita por uma votação magnífica. Candidata de Copacabana, seus cabos eleitorais fizeram uma campanha de propaganda intensa e vibrante. O segundo lugar coube à Ivone Moreira a nossa candidata. Os que não foram à Granja das Garças perderam o espetáculo magnífico dessa mocinha sadia que é Ivone, trabalhando do sol a sol, mas com uma enorme convicção de que seu dia virá; virá o dia da Justiça, do trabalho bem remunerado da alegria para todos, Ivone não foi eleita, mas o seu pequenino discurso deu-lhe um título bem grande: o de mulher consciente.

Foi assim uma festa popular, alegre e vibrante a de encerramento dos festejos do aniversário do Prestes, promovido pelo MAIP.

Novamente no Brasil, Pascoal Carlos Magno realiza mais uma vez o "Teatro do Estudante" que em outra época já marcou um importante acontecimento na vida do Teatro Brasileiro.

Em outro tempo, assistimos "Romeo e Julieta" com verdadeiro espanto, tal o significado do trabalho jovem. Agora, é ainda a volta do Teatro do Estudante, como "Hamlet", numa eloquente demonstração de que nosso teatro está vivendo uma etapa de superação.

Os Comediantes vieram depois do Teatro de Estudantes, em seguida assistimos o Teatro de Arte do Rio de Janeiro no Municipal, agora novamente o T.E. para chegarmos à estréia da CENA — cooperativa de Teatro, com o seu primeiro conjunto numa peça de Pirandello (Vestir os Nus).

Assistindo "Hamlet" é necessário primeiro fazer o elogio dos jovens artistas: equilibrados, com boa disciplina e uma comovedora in-

tenção artística. Todos bons, todos cooperando no conjunto de maneira apreciável.

Há entretanto um caso excepcional — Sergio Cardoso, o jovem é uma legítima revelação. Pode-se concluir desde logo que estamos na presença de um grande artista brasileiro em processo, com perspectivas de notável envergadura.

Ainda queremos fazer ressaltar o trabalho de Carolina Sotto Maior, que atua como rainha dando conta de seu papel com brilho e inteligência, ao lado de Maria Fernanda que chega muitas vezes a convencer na cena da loucura (Ofélia).

A direção, a cargo de Hoffmann Harnisch com a assistência de Jacy Campos, soube dirigir a representação que tanto agradou ao público — não queremos bem falar em agrado, mas, na verdade, dizer que o espetáculo conseguiu emocionar a plateia.

Cenários agradáveis, bons efeitos de luz e sobretudo a

presença de uma supervisão apreciável — Pascoal Carlos Magno.

O Teatro Fenix, uma de nossas casas de espetáculo mais belas, esteve à altura de uma estréia bem sucedida.

No programa, já se anuncia o repertório do grupo jovem. "A Castro" de Antonio Ferreira, adaptação de Julio Dantas e "Antígona" de Sófocles, etc.

Encerrando nosso comentários:

"Cada teatro de estudante é uma escola improvisada de cultura, permitindo, que se forme em cada um de seus elementos todas as personalidades do teatro: autor, ator, diretor, cenógrafo, crítico e a mais importante de todas: do espectador."

## LITERATURA

**REVISTA MENSAL CONSELHO DE REDAÇÃO:** Alvaro Moreira, Anibal M. Machado, Artur Ramos, Graciliano Ramos, Manuel Bandeira, Origene, Lessa  
Diretor responsável: Astrogildo Pereira  
Secretário: Jorge Medauar  
Os direitos autorais das colaborações publicadas nesta Revista são pagos na Tesouraria da ABDE

Cr\$  
Assinaturas: 12 números 50,00  
Número avulso..... 5 00  
Número atrasado..... 8 00  
Redação e Administração  
Rua Alcindo Guanabara, 17  
(Edifício Regina), 7.º andar,  
sala 702 — Rio de Janeiro



## CINEMA

**ROMA: — CIDADE ABERTA**  
— Este é um filme de fama mundial um dos primeiros grandes filmes do novo cinema italiano. E ele pode ser classificado entre os maiores que já foram realizados. Há ainda quem diga que os filmes de guerra não mais comovem nem impressionam. Isso é justo, até certo ponto. Aquil, no entanto, o filme é ainda a história da resistência heroica dos povos contra o invasor. A cena gestapiana da tortura lembra-nos tanto e tanto aqueles dias trágicos de 1935 a 1940 nesta cidade e em outros pontos do Brasil. Felinto Müller também fazia aquilo tudo. Fazia sim, mandando fazer. A esta cronista os métodos gestapiano foram muito conhecidos. Ela viu os homens torturados a massarico, o arrancar de unhas. Viu e sentiu. E' isso, ou melhor é tudo aquilo que se quer novamente fazer no Brasil a ual. Está claro que as situações são diversas, o tempo mudou. Dificilmente vol-

tará o reinado do massarico... Mas voltemos ao filme. ROMA CIDADE ABERTA deve ser visto por todos. Como cinema arte é magnífico. Aldo Fabrizi, o padre e Anna Magnani, a operária lutadora são duas grandes figuras, dois grandes artistas realizando grandes papéis. A cena de Pina declarando que espera um filho, é notável. A conversa dos dois operários na escada: ela pedrindo crer, mas ainda tão fraca, e ele tão forte na sua consciência do mundo de amanhã, é ótima. Ótimo o garotinho e seu grupo de meninos patriotas. Não percam este filme. A fotografia e a música se completam. Os personagens vivem uma vida. Não percam este filme, repetimos. É um grande filme e também uma grande lição.

E. M.



Madalaine Sologne estréia de "Alguem virá esta noite" (Foto do Serviço Francês de Informação)

## ZE BRASIL

O companheiro de Jeca Tatú maravilhosa história que

## MONTEIRO LOBATO

oferece à infância como presente de Natal

Peça pelo reembolso postal à EDITORIAL VITÓRIA LTDA.  
Rua do Carmo, 6 — 13.º andar — Sala 1306 — Rio de Janeiro

Livro .....  
Nome .....  
Rua .....  
Cidade .....  
Estado .....

**TRATAMENTO DO CASAL ESTÉRIL**  
MOLESTIAS DE SENHORAS — OPERAÇÕES  
**DR. CAMPOS DA PAZ FILHO**  
Ginecologista  
Caixa P. Light — Laureado pela Academia de Medicina  
Edifício CARIOCA — Sala 218 — Tels.: 42-7550 38-5636

Tom estivera demasiadamente intrressado em sua conversa com Luke, em redor dos terreiros, andando prá cá e prá lá como desejava, cortando paus sem nenhuma razão particular, exceto a de não poder fazê-lo na escola, para pensar em Maggie e no efeito que sua raiva tinha produzido na irmã.

Pensara em puni-la, mas uma vez passada a oportunidade, ocupou-se com outros misteres, como pessoa prática que era. Porém quando foi chamado para o chá, o pai lhe perguntou: "Onde é que está a menina?" E sua mãe, ao mesmo tempo: "Onde está sua irmãzinha?" — ambos pensando que Tom e Maggie estivessem juntos a tarde tóda.

— Não sei, — disse Tom, sem querer falar da irmã nem de sua briga com ela porque Tom Tulliver era um rapaz de brio.

— Como?! pois ela não esteve com você todo esse tempo? — perguntou o pai. — Pois a menina não pensava em mais nada, senão em sua volta para casa!

— Não a vi nestas duas horas, — disse Tom, começando a comer a sua torta de maçãs.

— Santo Deus! ela pode ter-se afogado! — exclamou a senhora Tulliver, levantando-se e correndo à janela. — Como é que você a deixou fazer isto? — acrescentou, medrosa, acusando não sabia quem de alguma coisa que não sabia o que era.

— Não, não se afogou, disse Tulliver.

— Você fez alguma malvaíeza com ela, Tom?

— Claro que não, respondeu o menino, indignado. Acho que está em casa.

— Talvez na água-furtada? — disse a senhora Tulliver consigo mesma, já esquecida da hora da refeição.

— Vá procurá-la, Tom, — mandou o pai meio zangado, pois a sua perspicácia ou ternura paternal lhe dizia que Tom havia sido rude com a menina, porque senão ela estaria ao seu lado: — E seja bom para ela, ouviu?

Tom nunca desobedecia o pai. Tulliver era um homem severo e, como dizia, nunca deixaria ninguém lhe faltar ao respeito. Foi depressa, levando o pedaço de torta, sem pretender suspender a punição que resolvera para a irmã e que não era mais do que ela merecia. Tom tinha somente 13 anos, e não era muito adiantado em gramática e aritmética, olhando-as a maior parte das vezes como problemas insolúveis. Mas era particularmente claro e positivo num ponto — que ele devia punir qualquer pessoas que merecesse, porque espe-

rava também ser castigado quando necessário. A questão é que achava que nunca merecia...

Foram os passos de Tom que Maggie ouviu nos degraus quando a necessidade de ser amada triunfou sobre o seu orgulho. Tinha resolvido ir, com os olhos inchados e os cabelos desgrenhados, pedir compaixão. Seu pai bater-lhe-ia na cabeça e dir-lhe-ia: "Não faz mal, minha filha." E' uma força admirável esta necessidade de amor, esta sede do coração, mais forte do que a outra, a que a Natureza nos submete, e que muda a face do mundo.

Porém ela conheceu os passos de Tom, e o coração começou a bater-lhe violentamente com repentina esperança.

O menino chegou até o tópo da escada:

— Maggie é para você descer.

Ela correu para o irmão, dependurou-he-lhe ao pescoço soluçando:

Tom, por favor, perdoe-me! Eu não posso sofrer mais. Serei boa, hei-de me lembrar de tudo. Goste de mim, Tom!

Só com a idade aprendemos a nos controlar, quando brigamos: exprimimo-nos em frases bem educadas e preservamos a nossa dignidade, mostrando, de um lado, mais firmeza e poupando mais aborrecimentos de outro. Não gostamos que nos comparem, pelo nosso comportamento impulsivo, aos animais inferiores, e conduzimo-nos com o respeito devido aos membros de uma sociedade civilizada.

Maggie e Tom eram como jovens animais, e encostavam-se as faces e beijavam-se nas orelhas, soluçando ao mesmo tempo. As fibras do menino enterneceram-se, fazendo-o responder à tristeza de Maggie, não a punindo como achava que ela merecia, mas devolvendo-lhe os beijos:

— Não chore mais, Maggezinha — tome um pedaço do bolo.

Os soluços de Maggie começaram a se acalmar, e ela pôs a boca no bolo, tirando um pedaço. Então Tom mordeu outro pedaço, para fazer-lhe companhia, e comeram juntos, as faces, as frentes, e os narizes encostados, enquanto comiam, com uma humilhante semelhança com dois burrinhos amigos,

— Venha, Maggie, vamos tomar chá, — disse Tom finalmente, quando não havia mais bolo, a não ser o que tinha caído na escada.

Assim se acabaram as tristezas daquele dia. E a manhã seguinte Maggie foi com a vara e o anzol em uma das mãos e o arco de uma cesta na outra, andando gostosamente por

lugares lamacentos, com o rosto radiante por baixo do seu gorro de castor. Tom fôra bom para ela.

Pediu ao irmão para colocar a isca em seu anzol e aceitou-lhe a palavra quando êle lhe assegurou que as minhocas não podiam servir (opinião pessoal de Tom, que não sabia propriamente se podiam ou não). Êle conhecia tudo a respeito de minhocas, peixes e outras coisas. E sabia sempre que pássaros eram nocivos, e como os cadeados se abriam, e como os trincos dos portões eram levantados. Maggie achava admirável esta espécie de ciência — muito mais difficil do que a que traziam os livros, e ficava meio intimidade com a superioridade do irmão porque êle era a única pessoa que chamava a ciência dela "tolices", e não se surpreendia com a sua intelligência. Na verdade, Tom era de opinião que Maggie era uma bobinha. Tôdas as meninas o eram, pois não podiam carregar uma pedra, pegar em coisa alguma, andar arandadas de canivete e tinham mêdo de sapos. Êle até gostava muito da irmã, e pensava muitas vêzes em ter cuidados especiais com Maggie. Fazia então às vêzes de governante, repreendendo-a quando estava errada.

Eles iam indo para o Logo Redondo — o maravilhoso lago, que as enxurradas tinham feito há muito tempo passado. Ninguém lhe sabia a profundidade. E era cheio de mistérios. Formava quase uma roda perfeita, cercada de salgueiros e juncos muitos altos, de maneira que a água so podia ser descoberta chegando-se perto da margem.

A vista dêsse lugar favorito muitas vêzes aumentava o bom humor de Tom, que conversava com Maggie no mais amigável cochicho, enquanto ella abria a preciosa cesta e preparava os utensilios de pesca.

Êle estendeu-lhe a linha, pondo-lhe a varinha na mão. Maggie achava provável que os peixes pequenos pegassem o seu anzol e os grandes o de Tom. Porém ella já se tinha esquecido de tudo a respeito de peixes, e olhava sonhadora a água transparente, quando Tom falou num cochicho alto:

— Olha, olha, Maggie! — e veio correndo preveni-la para puxar a linha.

Maggie já estava com mêdo de ter feito quaquer coisa errada como habitualmente, e foi Tom quem puxou a linha, na ponta da qual veio um grande peixe, que saltou no capim da margem.

Tom exclamou:

— Oh, Maggie meu anzol! Enverge a cesta.

Maggie não estava esperando.

percebeu que Tom estava contente com ela e a chamara de Magsie.

Nada se comparava ao seu prazer de ouvir os sussurros e os silêncios sonhadores, enquanto ouvia os sons nítidos e profundos, emitidos pelo peixe fisgado. Um agradável murmúrio andava no ar, como se os salgueiros, os juncos e a água tivessem seus segredos também.

Maggie achava-se como num paraíso, sentada na beira do lago, daquele modo, sem ninguém ralhar. Não entendia o que Tom lhe ensinava, mas gostava muito de pescar.

Foi esta uma de suas manhãs felizes.

Andaram muito. E juntos se sentaram, sem pensar que a vida mudaria algum dia para eles. Somente haviam de crescer, mas não iriam mais para a escola, e seria sempre como nos feriados. Poderiam morar juntos, cheios de ternura um pelo outro. E o moinho com seu bramido, o grande castanheiro embaixo do qual eles costumavam brincar, o riozinho, o Ripple, cujas margens eram como se fôsem sua casa! Tom olhando os ratos d'água, enquanto Maggie colhesse as plumas purpúreas do alto dos juncos, reunindo-as num ramallete, ao lado da margem. Depois de tudo, o grande Floss, ao longo do qual eles vagavam com a impressão duma viagem, para verem as formidáveis enchentes da primavera, o terrível Eagle, que avançava como um monstro medonho, ou para verem o Grande Ash, que gemia e se lamentava como um homem. Tom achava que as pessoas que viviam na outra parte do globo levavam desvantagem. E Maggie, desde que leu que "Cristina atravessava o rio sobre o qual não havia ponte", muitas vezes via o Floss entre os verdes pastos do Grande Ash, como Sansão. Se vier um leão urrando para mim, creio que você lutará com ele, não é, Tom?

— Como é que um leão há-de vir urrando para você, sua boba? Não existem leões de verdade, só nos livros de história.

— Não! Mas se estivéssemos na terra dos leões, — creio que na África, onde faz tanto calor — os leões comem gente lá. Posso mostrar nos meus livros.

— Bem, eu daria um tiro e matava o bicho!

— Mas se você não tivesse bala? Nós podíamos sair sem pensar nisso, quando fôssemos pescar; se viesse um grande leão, invetindo para nós aos urros, e nós não pudéssemos fugir, que é que você fazia, Tom?

O rapazola parou, e finalmente virou-se com importância, dizendo:

— Mas se o leão não está vindo, porque razão você fala nele?

— Eu gosto de imaginar que ele vem, — retrucou Maggie seguindo o irmão — e gostaria de saber o que você faria nessa caso, Tom.

— Ora, não diga bobagem, Maggie! você é tão tola. Vou ver meus coelhos.

O coração de Maggie começou a bater de medo. Ela resolveu não lhe contar a triste verdade imediatamente, e começou a andar atrás do irmão, pensando em silêncio, pensando como poderia contar-lhe as novidades sem despertar-lhe a tristeza e a raiva. Porque Maggie temia a cólera de Tom mais que qualquer coisa.

— Tom, — disse timidamente, quando chegaram à porta — quanto você pagou pelos coelhos?

— Duas meias coroas e seis pence, respondeu o menino prontamente.

— Eu creio que tenho muito mais do que isso na minha bolsa. lá em cima. Vou pedir a mamãe que lhe dê.

— Para que? — estranhou Tom — Não quero o seu dinheiro, sua bobinha. Tenho mais do que você, porque sou um rapaz. Sempre tenho muito dinheiro graúdo no meu cofre de Natal, porque vou ser um homem; e você só tem 5 shillings, porque é simplesmente uma moça.

— Sim, Tom, mas se mamãe me deixar, eu tirarei o dinheiro da bolsa e darei para você comprar outros coelhos.

— Mais coelhos? Não quero mais!

— Tom... aqueles morreram todos.

O menino parou imediatamente de andar e virouse para Maggie:

— Você esqueceu de dar-lhes comida, e Harry também? — perguntou, enrubecendo por um momento, porém logo assentando a côr: — Vou repreender Harry. Mandá-lo-ei embora. E não gosto mais de você, Maggie. Não levarei mais você comigo para pescar, amanhã. Não lhe recomendei que visse meus coelhos todos os dias?

De novo começou a andar.

— Sim, mas eu me esqueci, agora não posso fazer mais nada, Tom! Estou muito, muito triste, — disse Maggie, com as lágrimas rolando pesadamente.

— Você é uma menina ruim! — disse Tom severamente — e estou arrependido de lhe ter trazido o anzol. Não gosto mais de você..

— Ah, Tom, isto é muito cruel! — soluçou Maggie. —

Não me esqueci de você nem um dia! Se você se esquecesse de alguma coisa eu não me importaria, porque lhe quero muito bem!

— E' isso mesmo, você é uma tonta. Eu é que nunca me esqueci de nada. Nunca!

— Por favor, me perdoe, Tom. Eu sinto tanto, — gemeu Maggie, sacudida pelos soluços, agarrando o braço do irmão e pondo as faces molhadas em seu ombro.

Tom empurrou-a, parou novamente e dihshe asperamente.

— Agora, Maggie, preste atenção, responda: Não sou um bom irmão para você?

— E' sim-im... im..., soluçou Maggie, levantando e baixando o queixo convulsamente.

— Não me lembrei todo o tempo de trazer o anzol para você, não economizei meu dinheiro de propósito, sem gastá-lo em doces, e Spouncer não brigou comigo por causa disso?

— Sim-im... im e eu gosto-o-o muito de você, Tom.

— Mas você é muito má. Nos últimos feriados, tirou as tintas da minha caixa em forma de losango, e nos feriados antes deixou o bote arrastar a minha linha de pescar depois de eu lhe ter mandado tomar conta, e enfiou a cabeça no meu papagaio de papel, tudo sem querer.

— Mas não foi por mal, foi sem querer.

A vida ainda não mudara para Tom e Maggie. por isso não estavam errados acreditando que os pensamentos e amizades desses primeiros anos continuariam mais tarde a fazer parte de suas vidas. Nunca poderemos amar verdadeiramente a terra se nela não passarmos a infância. Da terra brotam, em outras primaveras as mesmas flôres que colhemos com os nossos frágeis dedos no tempo em que nos sentávamos, confiantes sôbre tapetes de relva. Nela vivem os mesmos espinheiros copados que formam sebes no outono — os mesmos pintarroxos que chamam "Os pássaros de Deus" porque não prejudicam as colheitas. Quantas novidades nesta doce monotonia em que todas as coisas são conhecidas e por isso justamente amadas! Que bosques, aquele em que passei num lindo dia de maio, com o novo amarelo-escuro da folhagem do vime à minha frente, o céu azul, as flôres em forma de estrelas brancas as verônicas azuladas e a hera verde aos meus pés! Que palmeiras tropicais tão crescidas, que fetos originais, e que lindos botões desabrochados! Nada pode fazer vibrar tão profundamente minhas fibras mais íntimas do que este velho cenário.

Essas flôres familiares, essas conhecidas melodias das aves, êsse céu irradiante de luz, êsses campos viçosos e verdes, cada um com sua espécie de personalidade que lhes deu a caprichosa natureza — coisas como essas fazem a língua-mater de nossa imaginação, a linguagem que guarda para sempre as sutis e inexplicáveis associações das horas passageiras da nossa infância que passa.

Nosso êxtase ao pôr-do-sol e ao frescor da relva, hoje em dia, não passaria da tímida percepção de nossas almas desanimadas, se não fôsse pelo brilho do sol e pelo frescor da relva, nos anos longínquos, os quais ainda vivem em nós, e transformam a nossa percepção em verdadeiro amor.

## A VINDA DAS TIAS E TIOS

### CAPITULO VI

Era a semana da Páscoa e os bolos de queijo da senhora Tulliver estavam mais crescidos que habitualmente. — “Foi criada, sentindo-se orgulhosa de estar sob as ordens de uma rajada de vento que fêz o doce estufar”, disse Rezia, a patroa que fazia tais massas. Assim, nenhuma estação ou circunstância seria mais apropriada para uma reunião de família do que aquela, mesmo que não fôsse conveniente consultar a Tia Glegg e a Tia Pullet sôbre a ida de Tom para a escola.

— Não convidel a mana Deane desta vez — disse a Senhora Tulliver —, porque ela é muito invejosa e cheia de orgulho e está sempre falando mal dos meus pobres filhos para os outros tios.

Ora, ora, — retrucou Tulliver — convide-os também para virem. Há muito tempo não dou um dedo de prosa com a Deane, — há mais de seis meses! Mas que foi que sua irmã disse? Ninguém tem nada com meus filhos!

— Isto é o que você pensa, senhor Tulliver. Tenho a certeza de que não há ninguém da sua família, tio ou tia, para nos emprestar nem cinco libras esterlinas, em caso de emergência. E as manas Glegg e Pullet vivem economizando quantias desconhecidas para gastar em seus alfinetes e em despesas de comidas e gulodices. O necessário os maridos lhes dão.

A senhora Tulliver era uma mulher meiga. Porém sempre costumava virar o focinho uma ovelha que tem cordelros. — Chega! — cortou Tulliver. É preciso um grande pão quando se tem muita gente para o almoço. De que vale

dinheiro de suas irmãs, se elas têm meia dúzia de sobrinhos e sobrinhas para o repartirem? E sua mana Deane não quer dar tudo por um só, acho que, com medo que a cidade toda grite depois da sua morte.

— Não sei o que ela quer que eles façam! — disse a senhora Tulliver — porque meus filhos não têm sorae com tios e tias. Maggie é dez vezes mais travessa quando eles estão aqui do que nos outros dias, e Tom não gosta de lhes tomar a bênção — acho que isto é mais natural nos meninos do que nas meninas. Mas também a Lúcia, de Deane, é uma boa menina. Se você a sentar num banco, ficará sentada durante uma hora sem fazer nada para sair. Gosto dessa criança como se fôsse minha. Acho que ela parece mais minha filha do que de minha irmã Deane, porque a mehinha não tem a cor da mãe.

— Bem, bem, se você gosta tanto da criança, peça aos pais para a trazerem com eles. E você não quer também convidar a tia e o tio Moss, juntamente com os filhos?

— Oh, meu querido! São oito pessoas ao todo, além das crianças, e eu já preciso pôr duas tábuas a mais na mesa e tirar mais lonça do aparêlho. Você sabe melhor que eu que as minhas irmãs e a sua irmã não se dão bem juntas!

— Bom, então faça o que entender, Bessy — concordou Tulliver pegando o chapéu e saindo para o moinho.

Poucas espôsas eram tão submissas como a senhora Tulliver, em todos os pontos, com as relações da família. Ela havia sido uma Dodson em solteira, e os Dodsons eram uma família realmente muito respeitável, assim considerada na paróquia e na paróquia vizinha. Levavam os Dodsons sempre a cabeça bem alta, e ninguém ficou surpreendido quando as duas moças mais velhas se casaram tão bem, não muito cedo, conforme o costume da família. Eram curiosos os modos de fazerem as coisas entre os Dodsons, — o modo diferente de clarear o linho, de fazer vinho, de preparar o presunto e engarrafar a groselha. Por isso nenhuma moça daquela família poderia ser indifrente ao privilégio de ter nascido uma Dodson, em vez de uma Gibson ou uma Watson. Os funerais eram feitos na família com peculiar aparato: as fitas dos chapéus não eram nunca azul-marinho, as luvas nunca descobriam o dedo polegar, e cada um usava luto como este devia ser. Quando havia alguém com um desgosto ou uma doença, todos iam visitar esse membro da família, habitualmente ao mesmo tempo e não recitavam diante de si as palavras das orações verdadeiras, embora de agradáveis, que toda família